

DEBATE

ACERCA DOS GESTOS TEMPORAIS E DAS MIGRAÇÕES
NA TEORIA DE LABOV

Maria Teresa CELADA (Universidade Estadual de
Campinas)

ABSTRACT: My central purpose in this paper focuses on a careful examination of the main points which define the latest changes in the development of William Labov's theory. I therefore revisit his very initial assumptions in an attempt to relate them with those of 87 and 89. I shall not discuss epistemological foundations. As an outsider in Sociolinguistics, I have tried hard to remain within the study of the main points mentioned above - my interest is not pointing out my own point of view but putting forward the considerations this analysis has led me through.

Declaração de intenções

O presente trabalho significa, para mim, a possibilidade de abrir um entremeio de reflexão, dentro da articulação problemática e em contínua redefinição da teoria sociolingüística de Labov. Nesse espaço, três pontos de meu próprio interesse, pois me permitem essa reflexão, fazem avançar o relato. Os dois primeiros:

- a especificidade que Labov dá para a independência da língua no uso, e, decorrentemente,

- a relação do social e do lingüístico,

são relevantes pelo fato de que constituem os fios centrais na trama do momento decisivo que pretendo revisar dentro da teoria, já que justamente se configura uma nova relação entre eles. A partir destas revisões, centrarei meu interesse em definir o meu terceiro ponto:

- a relação dos estudos da linguagem a respeito de uma preocupação recorrente: a capacidade de prever; neste ponto procurarei me deter, a partir de uma perspectiva crítica.

Tento, contudo, evitar uma tentação: a de tematizar, a partir das expectativas que a teoria possa ter criado na hora de seu surgimento. Isso já foi feito, já foi avaliado, em alguns casos de maneira insuperável (1). Refazê-lo seria retomar um caminho já trilhado. Pretendo, antes, "pegar" os cerne da teoria e a sua evolução dentro dela, para estabelecer, no curso do presente relato, novas relações entre eles.

I. Um relato das cautelas

Neste início, trabalharei sobre um momento de máxima tensão dentro da reflexão na teoria de Labov.

Essa tensão se estabelece entre os dois pivôs fundamentadores dessa teoria: o sistemático/o funcional.

No artigo de 1987, "The overestimation of functionalism", após ter enumerado os aspectos da posição negativa frente a argumentos funcionalistas, Labov diz: "One might expect that work on the language in its social context would fall into the functional camp." (1987: 313), e afirma que esse trabalho realmente contraria

dois desses aspectos: aquele, pelo qual o uso da linguagem deveria ser estudado após a estrutura ter sido achada, pois "the study of the use of language is something quite distinct from the study of structure" (op.cit.: 313); e aquele, que declara que "the language faculty is an innate structure which is isolated from social interaction" (op.cit.: 313).

Essa colocação inicial é indicativa de uma certa desconfiança a respeito do valor conceitual do funcionalismo, dentro da teoria, e está reclamando a necessidade de delimitar esse valor. Nesta direção, Labov aponta os seguintes problemas:

- a vaguidade dos argumentos funcionalistas, que resulta numa pletora e esvaziamento simultâneos do conceito de funcionalismo;
- a atribuição de um valor positivo - como objetivo e inerente - ao funcional;
- a sobreposição função/intenções do falante em procura da comunicação; poder-se-ia colocar que Labov visualiza essa sobreposição como um ponto de perigo, pois ela poderia significar que as teorias funcionais virassem teorias das intenções (1987: 314).

Ora, se há uma relação entre o funcional e o social, e está se relativizando o valor explanatório do funcional, por que não inverter a proposição "One might expect that work on language in its social context would fall into the functional camp.", e perguntar: será que o campo funcional não resulta estreito para trabalhar sobre a linguagem em seu contexto social e, em vez de cair nele, é preciso levá-lo em conta até sair dele e ir para outros campos?

No entanto, a desconfiança de Labov

vai em outra direção. Neste mesmo artigo de 87, Labov afirma: "Other variants are the result of the arbitrary social evaluation of alternative ways of saying the same thing", e "Some variation must be seen as historical residue, without any vestige of communicative function (...)" (Labov, 1987: 314). E, certamente, ele acaba essa reflexão dizendo que "The need to communicate information is always with us, and though it may be defeated in many ways, the system does adjust to take the loss into account." (op.cit.: 330) A alternativa, pois, para determinar a forma da linguagem parece ficar, fundamentalmente no mecanicismo, na força automática estrutural. Evidentemente, através destas conclusões, afirma-se um conceito de língua como estrutura e remarca-se, a respeito de seu funcionamento, uma independência ligada, fundamentalmente e cada vez mais - como veremos logo -, ao automatismo. (2)

Contudo, é preciso lembrar que o próprio Labov acaba seu artigo colocando uma inquietação: "if speakers' every-day utterances are not controlled by the need to preserve information, it remains to be seen how this systemic adjustment comes about." (op.cit.: 330)

Ora, sob nosso ponto de vista, perde-se a oportunidade de explorar essa presumível necessidade de expansão do social dentro do campo explanatório da teoria, e enfatiza-se, ao contrário, o valor do estrutural dentro desse mesmo campo: o sistema fica se reajustando para cobrir as perdas que a necessidade de comunicação (cerne do qual não se abre mão) não cobre. A decorrente relativização do valor conceitual

do funcionalismo, que se decide explicitamente no final desse mesmo artigo, traz junto uma depreciação do social.

Por outro lado, dos exemplos apresentados no artigo decorre um perigo de antieconomia nos argumentos funcionalistas, pois em vários dos casos apresentados eles ficam fortemente debilitados e as ocorrências caem fora da generalidade da qual a explicação tenta dar conta. Assim, não permitindo nem universalizar a respeito de diferentes línguas, nem a respeito da mesma língua, esses argumentos estariam obrigando a operar dentro de uma especificação antieconômica e ineficaz, o que significaria um gesto de individuação, de dar atenção para o específico, gesto que precisa ser evitado.

A rigor, toda essa reavaliação conceitual tem a ver, fundamentalmente, com uma redistribuição dos argumentos dentro do "principle of accountability": "(...) We want to be able to state the proportion of cases in which a given variant does occur out of all those cases where it might have occurred.", dizia Labov no início (1972a: 32). Essa redistribuição implica um ajuste que, por sua vez, permitirá chegar em um ponto de vista mais balanceado em relação aos argumentos funcionais. Assim, esse princípio funcionará "paying attention to all available data, rather than just those utterances that favor the ideas under consideration; and by using multivariate analysis that takes into account the operation of several influences that jointly determine the end result." (Labov, 1987: 314-5) Tudo isto orienta-se para a ênfase de uma determinada predizibilidade.(3)

Estas perguntas e formulações preparam o caminho conclusivo da segunda fase no momento de tensão que estamos revisando. O artigo de 1989, "The limitations of context: Evidence for Misunderstandings in Chicago", que poderia ser definido como um apelo a ter cautela em relação a uma outra espécie de sobreestimação: a da força contextual. Logo no início, Labov já diz: "The view that I will present here is that of language faculty somewhat more constrained by its structure and more mechanical in its operation." (1989: 1)

No entanto, continua insistindo sobre a variação, que sempre foi a preocupação central e, especificamente, sobre os malentendidos, as deficiências que possibilitam a falta de sucesso comunicacional. E assim, estabelece-se um revisão crítica a respeito das primeiras afirmações da teoria: junto à idéia de que a mudança sonora é a principal causa do câmbio lingüístico - sendo essa mudança uma das preocupações a respeito da eficiência, pois ela implica "lessened systematicity" (cf. Labov, 1987) -, a de que "sound change does interfere with the communicative function of language" (Labov, 1989: 25). Isto tem a ver com a reconsideração do funcional e, inclusive, com as observações feitas a respeito das intenções do falante, pois neste ponto Labov insiste em tomar a perspectiva do ouvinte.

Na conclusão desse artigo, afirma que "(...) one expects that the great redundancy of the linguistic system along with pragmatic information drawn from the context will effectively solve problems of

communication", mas "the results clearly showed that advanced tokens of sound changes in progress can effectively block the process of comprehension" (op.cit.: 25). E no final desta conclusão, Labov faz uma afirmação que considero justamente o ponto final de uma virada dentro do percurso dos dois artigos que nos preocupam. Ele adota a conclusão de Bock and Kroch, que "demonstrate that during sentence processing, communicative intention gives way to a system sensitive to abstract structural features." (op.cit.: 26) (Os grifos são meus.)

Assim, os dois elementos fundamentais da discussão, formalismo/funcionalismo, que às vezes até aparecem como adversários, ficam fortemente amarrados numa nova relação: trata-se de uma dependência da função comunicativa a respeito do formal (do sistema). Na conclusão, o próprio Labov diz que "Weinreich, Labov and Herzog (1968) pointed out that linguist's increasing concern with structure made the facts of language change appear even more mysterious." (1989: 25) E se poderia afirmar que ele enfatiza o mistério: o poder argumentativo é entregue ao sistema que, através de um funcionamento autônomo e auto-regulado, governa o uso e se constitui, paradoxalmente, (quase um "buraco preto") como lugar para o inexplicável.

Ocorre que é no fundamento da dupla sistema/função, como cernes do "principle of accountability", dupla que se estabelece na relação tensa do fato de ser possível a comunicação em meio à variação, que está a raiz de toda a movimentação que temos descrito, pois sobre a base fundadora de

manter uma explicação para a comunicação - que implica uma homogeneidade determinada em meio do heterogêneo - acaba-se em uma identificação do estrutural com o homogêneo. Isto supõe até uma certa inclusão de traços da linha logicista à qual a teoria se opôs no início.

Essa identificação acaba fortalecendo a relação língua (como sistema)/homogeneidade, relação que, pelo fato de criar esse lugar para o inexplicável, considero uma solução extrema - até viciada - dentro da procura original e constante da "ordem na desordem" (cf. Tarallo, 1990: 198). Na verdade, trata-se mais de um deslizamento do que de uma identificação, gerado por uma circulação falseada dos requisitos explanatórios ligados, cada vez mais, a uma necessidade de generalização e economia. Breve, retomarei esta hipótese.

A entrega - quase um abandono - de que falamos há pouco, desenlace de uma inclinação para o "mistério" da estrutura da linguagem, traça um recuo frente àquela colocação desconfiada que citamos no início. Nela havia um "apetite de inteligibilidade", de "esforço de visão", pelo qual - como diz Paul Veyne (1983) - "conceituar não responde a um reflexo automático", a mola do que considero uma circulação crítica.

Convém destacar nesta mesma direção que as colocações feitas por Labov em um momento decisivo para a teoria estão, em princípio, ligadas a uma atitude fundamental, a de colocar dúvidas e discutir proposições "óbvias" sobre a função comunicativa da linguagem, gesto que implica uma avaliação em termos da própria teoria, mas que também

implica repercussões que atingem à epistemologia que fundamenta uma boa parte das teorias sobre a linguagem. E ainda mais, implica mexer com uma evidência pela qual a linguagem é comunicação, evidência - efeito ideológico - que circula firmemente na nossa formação social. Labov estaria se distanciando assim das opiniões do senso comum sobre a linguagem, do mesmo modo que, em outro lugar, também tenta estabelecer a especificidade do trabalho do lingüista e, portanto, a diferença em relação ao falante. (4)

II. Um "racconto" necessário

"One of the most striking properties of language (...) is its uniform and compelling character. Children and adults, beggars and princes, laborers and bankers, all have access to the central structures of the language of their community, and can communicate across the most profound social barriers."

Labov, 1972a: 1. (Os grifos são meus.)

No início Labov decidiu encarar um trabalho sobre o que até esse momento tinham sido os resíduos, sobre terrenos teratológicos das teorias da linguagem. Tratava-se de trabalhar sobre a diversidade e estabelecer nela a estrutura, a sistematicidade que refletisse "the uniform and compelling character of language".

E isto constitui o primeiro aspecto que me interessa apontar a fim de apertar a trama cujo desenlace temos antecipado: trata-se de uma atração, de um sentimento quase de

fascínio frente à possibilidade de que a comunicação aconteça em meio da heterogeneidade, da variação, e, junto com isso, a crença forte de que a sistematização é possível. (5)

E, assim como há esta comunicação, que dentro do decorrer das reformulações fica sempre atuante, também há - e isto constitui o nosso segundo aspecto - um espírito de luta através do qual trata-se de vencer uma relativa inacessibilidade à comunidade lingüística nos métodos de observação. Esse espírito alimenta uma contínua afinação - uma purificação - dos métodos montados sobre o reconhecimento de um paradoxo, "the primary methodological paradox: all our methods represent a compromise between the need to obtain a clear and reliable record and the need to observe the social process directly." (Labov, 1972a: 42) (Ánfase minha) Esse paradoxo explica o remanejamento, o ajustamento prático e teórico para garantir a confiabilidade dos métodos e, portanto, dos dados, baseados fundamentalmente na observação direta (cf. Labov, 1972a: 44). (6)

Enfim, através de tudo isto pode-se colocar que há uma crença na possibilidade de recuperação da realidade. E baseando-se nessa possibilidade de tornar domável o objeto, a teoria regula e afina o método e os conceitos na procura do algoritmo explanatório que transpareça ao máximo a realidade lingüística e mapeie a comunidade, aparecendo como se a base fosse a própria realidade e comunidade. Esse, segundo acho, era o desejo de Labov quando em 1972 dizia que o modelo de Cedergren-Sankoff "provides the first empirical demonstration that a complex rule

schema is based on linguistic reality ..."
(citado por Indursky, 1990: 25).

Finalmente, o terceiro aspecto que quero apontar tem a ver com as expectativas que se colocam em uma espécie de projeção ou de ação social, dentro do que poder-se-ia considerar uma vontade intervencionista da própria teoria. O papel social da teoria decorre das próprias preocupações pelas quais ela surgiu: dar conta do status da variação, em meio à qual se dá a comunicação, é o que permite que se crie um lugar "where the work of the linguist was more important to the future happiness and prosperity of his society" (Labov, 1972a: 2). No final do artigo de 89, há uma insistência em "sair do laboratório" dentro de uma linha que supõe uma avaliação crítica a respeito de posições anteriores na história da lingüística em relação ao papel social do cientista.

Estes três aspectos da teoria convergem em um ponto: a transparência que a transpassa, permeando-a nessas várias faces. Tentando enxergar o funcionamento dessa transparência recorrente na teoria, aprofundaremos os vários aspectos dessa tríade que a funda.

III. As decorrências. A modo de desenlace.

"O individual não é o inesgotável, o inefável, mas a própria vida, segundo Michelet: o que não é vago."

Paul Veyne, 1983: 16

"En contra de la creencia popular, la periferia no es el límite del mundo sino más bien el lugar donde éste se desentraña".

Joseph Brodsky, 1988: 75

Trabalhar sobre o duplo pivô tendências/individuação dentro de uma teoria que tenta se colocar como explanatória, não significa pensar numa ciência pós fato, meramente descritiva a posteriori.

Com isto tento colocar um sentimento incômodo a respeito da generalização (e cada vez mais acentuada predizibilidade) que a teoria de Labov procura através de regras.

Em primeiro lugar, eu diria que dentre as relações que a ciência estabelece entre passado, presente e futuro, a de predizer parece ser uma projeção feita a partir do observável, tentando dar conta da homogeneidade, de um futuro reencontro com o objeto que, pelo reconhecimento que possibilita, alegra e comemora (cf. Deleuze, 1987). Se, no gesto científico, em vez de aproximar o diverso ao geral, o movimento fosse para o individual, talvez, se mantivesse a diferença, pois na individualidade se prevê o heterogêneo, sem que isto implique a perda de uma unidade. Só que essa unidade deve ser redefinida, pois em Labov ela se centra cada vez mais no mecânico que, no nível explanatório, exerce uma força centrípeta.

Como antecipamos há pouco, a teoria tenta relativizar - a partir de um reconhecimento mais ou menos explicitado - uma impossibilidade de acesso à observação dos fenômenos lingüísticos, através da procura de refinamento dos métodos e de um desenvolvimento conceitual, a fim de dominar e dar conta desses fenômenos. Tudo isto opacifica cada vez mais esses métodos e mostra, evidência, através da especificação,

o lugar teórico. Trabalha-se assim sobre - e sob - um efeito de homogeneização que aparece conceitualizada na própria teoria.

Do mesmo modo que a retórica realista trabalha sobre o ocultamento da própria retórica - que, como tal, não se mostra - (7) para convocar a realidade e fazer com que ela apareça, a teoria da sociolinguística - nesse remanejamento contínuo e implacável - mostra, por um lado, que esse vínculo de acesso não é possível e, por outro, que essa impossibilidade implica luta, uma luta interminável sobre a própria retórica.

Da minha perspectiva, é a própria linguagem que impõe essa circulação. E, justamente, a partir e apesar dessa impossibilidade, é que se trabalha: a despeito da inescrutabilidade do real. Esse trabalho constante de vigília sobre os métodos é paradoxalmente o efeito do sentimento do inescrutável, e é esse o lugar de resistência das teorias, o lugar onde elas se constroem a despeito do indômito.

Ora, no caso da teoria laboviana, haveria uma espécie de falseamento que acaba em um forte instrumentalismo, cuja base é esse conceito de comunicação do qual, através das reformulações sobre o funcional, o próprio Labov desconfiou. Enfim, a partir de todo este relato é possível colocar que o próprio método da teoria estaria indo na direção do falseamento do objeto. E não se trata de um falseamento em termos de verdade ou falsidade. Trata-se de uma sobreposição, que se produz como um deslizamento da criação de explicações para o objeto. Parece assim que esse objeto fica à mercê dos mecanismos

(algoritmos) explanatórios da teoria.

Ora, embora desde o início a teoria tenha estabelecido uma relação realista (8) a respeito dos fatos lingüísticos, no começo ela mantinha uma relação centrífuga em relação aos dados. Tratava-se de um movimento para fora, para as margens, as especificidades, as diferenças - da base da estrutura para o contextual - que implicava uma condensação, uma operação de centrifugação do discurso teórico a respeito dos fatos. Assim, cada fato, visado no sentido de pista, de indício para remontar para as explicações, ficava especificado (o movimento era centrípeta a respeito dele). E isto, dentro de um trabalho através do qual a câmara detém o olhar e capta não o reproduzido ou a ratificação "que comemora", mas a produção, os outros sentidos. (9) Nesta direção, evoco o trabalho feito sobre a comunidade lingüística de Martha's Vineyard. (10)

Com o refinamento dos métodos - paralelo à perda constante de confiabilidade no poder explanatório - e sob o efeito de uma força centrípeta exercida pelo "sistêmico", a opacidade desses métodos inclina-se para o terreno do mistério e não para lançar os dados em um verdadeiro movimento que rompa, desorganize e dispare a continuidade (não ficando presa da homogeneização). Desse modo, sobre o eixo da comunicação, a luta entre heterogeneidade/homogeneidade, controlada desde sempre por aquelas duas forças: estrutura e funcionalismo, decide-se a favor da estrutura que toma conta, numa relação centrípeta, da realidade lingüística.

O percurso dos artigos de 87 e 89

delineia claramente este retorno para dentro - aliás reforçado -, em uma tentativa de explodir ao máximo a força explanatória do sistema (11). Nesse retorno, a generalização, pela qual o "anormal" se subordina à pesquisa sobre a norma (cf. Ginzburg, 1989: 164), faz parte do poder dessa força.

Decorrentemente, o funcional que, a esta altura, é o último reduto para o social, perde força e acaba por via da tensão descrita, submetido. (12) Em um olhar retrospectivo, tomar uma perspectiva social para o estudo da linguagem aparece mais como uma escolha entre alternativas - segundo a terminologia de Foucault (cf. 1982) - do que como o ponto irrecusável de uma necessidade, de uma urgência.

Assim, e cada vez mais, foi ficando accidental o que no início era essencial, sendo que essas margens viraram a fonte, e a escusa para o próprio fato de o método se refazer. As diferenças, enfim, não foram mantidas. (13)

Retomando a colocação sobre um certo intervencionismo nas declarações de intenções (esperançadas) da teoria, gostaria de dizer aqui que não se trata de fazer do estudo da linguagem um instrumento político que tente, parafraseando Barthes, unir através de um só traço a realidade dos atos e a idealidade dos fins (1987: 27). Tudo isto suporia uma certa atitude de voluntarismo e suporia também "imaginar que a ciência é a ideologia mais cômoda". (Pêcheux, 1988), enquanto ela garantiria um trânsito tranqüilo para esse intervencionismo que considero moral, redentor e mecanicista.

Se se trata de uma ciência que faça

sinais para o futuro, por que não pensar na possibilidade de que esses gestos se configurem através da própria inscrição como ciência, dos deslocamentos que ela produz, nas teorias, contra elas e a despeito delas, em um posicionamento crítico que foi a composição inicial da teoria de Labov, que - sem dúvida - trabalhou sobre pontos de resistência? Tratar-se-ia, pois, de deslocamentos cujos efeitos configuram outras produções de sentido, outros futuros da linguagem. E não de declarações que prenunciam "atravessar a barreira para passar do outro lado" (Pêcheux, 1988). Neste sentido, insisto, vários gestos iniciais da teoria sociolinguística comprometeram os fundamentos de uma tradição linguística. E, embora essa gesticulação continue - como no caso da revisão do conceito do funcional - ela recua e, debilitada, não vai até as últimas conseqüências.

Aliás, essa posição de um certo tom proselitista supõe acreditar no fato de ser possível a construção de um discurso (o científico) sobre um discurso ("a linguagem como objeto") (Gadet e Pêcheux, 1977). Ora, embora ache impossível - da minha perspectiva da linguagem - essa circulação, também não pretendo uma teoria que trabalhe dentro de um espaço lógico estabilizado como universal (cf. Gadet e Pêcheux, 1977). Neste sentido, considero que a teoria de Labov, fundada numa epistême que ratifica gestos do saber, não movimentando seus limiares (Deleuze, 1988) e recobrando as quebras, monta-se sobre um traço fundamental: a injunção à homogeneidade, à procura da mesmice, para cobrir logicamente as regiões heterogêneas do

real (Pêcheux, 1990: 32). De fato, o desenvolvimento da teoria abre resquícios que de imediato se recobrem através de estratégias que garantem a própria circulação, sendo que esses resquícios, nos cruzamentos decisivos, poderiam ter implicado outras direções.

Assim, tenta-se domesticar a heterogeneidade, que julgo múltipla, eterna e indômita na linguagem. Enfim, aquela atração pela comunicação de que falávamos trai uma paixão (incondicional) pela linguagem.

E essa atitude, que significa (ou implica) uma concepção de linguagem, impregna, portanto, a teoria toda que, assim como acredita na possibilidade de reduzir a heterogeneidade, acredita também numa outra possibilidade: a de delimitar espaços teóricos que renunciem os fins e os ideais.

(recebido em 17/12/90)

NOTAS

(1) Estou me referindo, aqui, a reflexões como as de Michel Pêcheux; entre outras, as feitas com F. Gadet em *La lengua de nunca acabar*, México, Fondo de Cultura Económica, 1984.

(2) Acho importante apontar que a definição de Votre e Naro da relação língua (como estrutura)/uso, que se encaminha, no percurso do artigo, numa necessidade quase urgente de delimitar o terreno da estrutura como uma "espécie de ilusão ótica criada pelo próprio linguista ao observar as regularidades" (cf. 1989: 170-1, ênfase original), poderia servir aqui de base para abrir uma outra direção a

respeito desta independência da língua dentro do funcionamento da linguagem. Os grifos são para apontar que é nesse lugar onde está a possibilidade do deslocamento: pensar essa independência como construto, mas, ao mesmo tempo, dentro desse funcionamento que, da minha perspectiva, não pode ser reduzido a "uso".

(3) Neste sentido, no percurso do artigo, Labov faz vários reclamos do tipo: "This is the reverse of what would be predicted by a functional explanation." (1987: 324) Ora, esta predizibilidade vai-se configurando especificamente a partir do modelo de Cerdergren, H. - Sankoff, D. de 1974. O próprio Labov salienta que esses autores "subject the basic hypothesis of the independence of the variable constraints to quantitative tests, predicting tables of frequencies with a small number of parameters" (Indursky, 1990: 25).

(4) Neste sentido, poder-se-ia marcar um indício de reflexão sobre o sujeito da linguagem. O conceito de comunicação e o "realismo" da teoria, do qual falaremos logo, não contribuem para que esse indício prospere.

(5) A meu ver este poder tem a sua mola no que considero básico dentro da teoria laboviana sobre a concepção da linguagem: a referencialidade. Cabe lembrar aqui que a variação é definida como "diferentes maneiras de dizer o mesmo" (cf. Labov, 1972b).

Na discussão entre Labov e Lavandera há uma luta pelo "sentido": por evitar, rejeitar as diferenças, ou por aceitá-las. Lavandera (1977) amplia o "meaning", Labov o restringe a

"representational meaning" ou "state of affairs": "Instead of extending meaning as Lavandera suggests, we want to limit it much more narrowly than a formal linguist will do." (1978: 2) E inclusive, ele acrescenta que isto é para evitar problemas metodológicos. (1978:5-6).

(6) Por isso, entre outras coisas, logo de início, Labov afirma a necessidade de uma formalização dos métodos: "the writing of compact rules has many advantages, practical and theoretical." (1972a: 72)

E contestando os neogramáticos, no artigo de Martha's Vineyard, ele diz: "But we need not make the gratuitous assumption that sound change is something else again, an ineluctable process of drift which is beyond the scope of empirical studies." (1972b: 23) Imediatamente, tenta determinar um limiar para o inobservável através da determinação dos acontecimentos "which are sub-linguistic in significance." (1972b: 23)

(7) Aproveito aqui a síntese do Prof. Nicolás Bratosevich, feita no espaço de uma oficina literária em Buenos Aires.

(8) Estou usando o termo "realismo" no sentido em que a teoria literária o utiliza.

(9) Estou usando aqui "a câmara" no sentido em que Walter Benjamin a conceitualiza nas "Teses sobre o conceito da história" (cf. 1989).

(10) As observações de Freda Indursky sobre a análise de Labov (1990: 22) explicitam, em boa parte, o que anuncio aqui de modo muito geral.

(11) Alguns traços no percurso da teoria se constituem como pistas nessa direção:

- o conceito de significado, que Labov reduz

à informação referencial (1978);

- o conceito de contexto, definido como limitado e restrito (Labov, 1989);

- a análise que colocava em funcionamento o morfológico junto ao fonológico, que não se pode aplicar em alguns casos. Isto junto com a comprovação de que "under certain circumstances, an undecipherable phonetic form can effectively block semantic interpretation" (Labov: 1989: 18) contribuiu para que esse caminho de volta ocorresse.

(12) Desse modo, toda a complexidade da análise sobre a comunidade lingüística de Martha's Vineyard (Labov, 1972b) fica esmagada, pois haveria uma tendência a reduzir o complexo.

(13) Talvez, a origem do problema esteja no poder explanatório fundado sobre a dupla descrever/explicar, e no estatuto da explicação, fortemente unida a um achar o igual apesar do diferente. A descrição, acredito, é a prática da linguagem onde os efeitos de transparência ficam mais fortes. Sob esses efeitos a linguagem fica ao sabor da realidade, de modo que a descrição pode contorná-la, percorrê-la, enfim, fazer com que a realidade - pelo forte "efeito de transitividade" que essa prática produz - resulte reproduzida. Parafraseando Philippe Dubois, e dentro do campo dos efeitos de sentido produzidos pelo discurso científico, tratar-se-ia de um rigor que exige um excesso de contigüidade, de excessiva proximidade com o referente (cf. Dubois, 1986: 94). Talvez, seja esta a traição pela qual Labov terá que pagar mais caro: acreditar numa descrição realista, montada sobre o paradoxo da acessibilidade/inacessibilidade para dominar

a confiabilidade dos dados e trabalhar a despeito, quase, da variação; para dar conta, enfim, da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. (1987). *El grado cero de la escritura*. México: Siglo XXI Editores.
- BENJAMIM, Walter. (1989). *Teses sobre o conceito de história*. Campinas: UNICAMP. Trad. Jeanne M. Gagnebin e M. Lutz-Muller. Mimeo.
- BRODSKY, Joseph. (1988). *La canción del péndulo*. Barcelona: Versal.
- DELEUZE, Gilles. (1988). *Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.
- _____ (1987). *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- DUBOIS, Michel. (1982) 'Por una Genealogía del Sujeto'. In: *Foucault y la ética*. Buenos Aires: Editorial Biblos.
- DUBOIS, Philippe (1986) *El acto fotográfico*. Barcelona: Paidós.
- FOUCAULT, M. (1982) *Por una genealogia del sujeto*. In: *Foucault y la Etica*. Buenos Ayres: Editorial Biblos.
- GADET, Françoise. e PACHEUX, Michel. (1977). 'Y-a-t-il une voie pour la linguistique houns dy logicisme et du sociologisme?' *Equivalences*, 2-3: 133-146.
- GINZBURG, Carlo. (1989). 'Sinais, Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia de Letras.
- INDURSKY, Freda. (1990). 'A quantificação na análise do discurso: quantidade equivale a qualidade?' *D.E.L.T.A.*, 6, 1: 19-40.
- LABOV, William. (1972a). 'The design of a

sociolinguistic research project'. Philadelphia: University of Pennsylvania, 91 pgs. Mimeo. (Publicação inicial in Report of the Sociolinguistics Workshop. India: Central Institute of Indian Languages in Mysore, 1972.)

_____ (1989). 'The limitations of context. Evidence from misunderstanding in Chicago'. Philadelphia: University of Pennsylvania. Mimeo.

_____ (1987). 'The overestimation of functionalism. In: R. Dirven e V. Fried (eds.), *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 311-32.

_____ (1972b) 'The social motivation of a sound change'. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University Press of Pennsylvania. (Publicação inicial in *World*, 19: 273-309, 1963).

_____ (1978). 'Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera'. Texas: Southeast Educational Development Laboratory, sociolinguistic working paper 44: 1-16.

LAVANDERA, Beatriz. (1977) Where does the sociolinguist variable stop? Chicago: Linguistic Society of America Annual Meeting.

PACHEUX, Michel. (1990). *O discurso. Estrutura e acontecimento*. Campinas: Pontes.

_____ (1988). *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP.

TARALLO, Fernando. (1990). A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao Falante-Ouvinte Real. *D.E.L.T.A.*, 6,2: 195-222.

VEYNE, Paul. (1983). *O inventário das diferenças*. São Paulo: Brasiliense.

VOTRE, S.T. e NARO, A.J. (1989). 'Mecanismos

funcionais do uso da língua'. D.E.L.T.A.,
5,2: 169-184.